

Diversão & Arte

EMPURRÃO ZINHO PARA LER

DOS 10 PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA SEMIFINALISTAS DO JABUTI 2023, QUATRO SÃO DE BRASÍLIA E APRESENTAM INICIATIVAS FOCADAS EM FORMAR LEITORES

» NAHIMA MACIEL

Quando se trata de fomento à leitura, Brasília é um celeiro de bons projetos, ideias que acabam por ganhar o país e suprir, em alguns casos, a falta de políticas públicas para a área. A qualidade do que se faz no quadrado extrapolou o cerrado e foi parar no Prêmio Jabuti 2023. Dos 10 projetos semifinalistas na categoria Fomento à leitura, quatro são de Brasília e dois — Calangos leitores e Mostra de Literatura Inclusiva — seguiram para a final da premiação. Conheça quais são as iniciativas e quem são as pessoas por trás da insistência em transformar o livro e a leitura em aspectos fundamentais para a construção da cidadania.

Para criar o hábito

Hugo Barros sabe que o acesso ao livro não depende apenas da disponibilidade do objeto em si, mas de toda uma cadeia que envolve educação, redução de desigualdade e sensação de pertencimento. Por isso, ao criar o Livro de rua, em 2017, ele investiu em um formato diferente: levou as histórias para os muros da cidade. “São livros ilustrados, como os convencionais, mas, ao invés de a produção ser em papel, é em concreto, na rua”, explica Barros, que escreve as histórias e convida grafiteiros para ilustrar os textos. “É um livro que tem até ISBN. A única diferença para o livro em papel é a plataforma, que nesse caso é o concreto”, explica.

No total, Barros fez quatro livros, sendo que os três últimos foram realizados em paredes externas da Biblioteca Central da UnB, da Biblioteca Infantil da 104/304 Sul e na área externa da Biblioteca Nacional do Complexo Cultural da República. “É um jeito de inserir os livros na vida das pessoas”, acredita o autor, que contou com verbas do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) para realizar os quatro livros.

As narrativas de Hugo Barros costumam abordar temáticas com as quais leitores não habituados possam se identificar. “Pelo fato de publicar essas histórias nas ruas, procuro sempre abordar temas mais sociais, que combinam com esses ambientes”, explica. No muro do posto de gasolina da 413 Sul, ele conta a história de um menino invisível que tem uma vulnerabilidade social e, às vezes, dorme na rua. Na UnB, o livro leva o título de *Desiguais* e fala sobre desigualdade social no Brasil e na Biblioteca Nacional, a história de uma menina catadora de lixo em busca de tesouros convida o leitor a refletir sobre riqueza e abundância. “Ao buscar um formato de publicação que não dependesse das editoras que não apostam tanto em iniciantes, fui buscar nas histórias, que são sempre sociais, algo que combinasse com elas. E como a primeira história que eu tinha é de um menino que morava na rua, tive essa ideia de publicar nos muros”, conta Barros.

Clubinho seleta

Criado em 2016 com a intenção de implantar clubes de leituras em escolas do DF, o projeto Calangos Leitores já acolheu cerca de 500 jovens leitores entre 13 e 18 anos. A cada ano, o projeto propõe a leitura de 8 a dez livros em escolas do DF. Este ano, três instituições participam do circuito. A adesão é voluntária mas, uma vez inscrito, o aluno assume alguns deveres, sendo o mais imperativo deles o de ler o livro do início ao fim.

As constantes listas de espera para participar fizeram Claudine Maria Diniz Duarte, coordenadora e uma das idealizadoras do projeto, ter certeza de que estava no caminho certo. “Uma das características do projeto é que eles ficam com o próprio livro e isso é uma coisa muito forte, porque em muitas casas, às vezes, esse é o primeiro livro

Thaís Malon



Clube de leitura Calangos leitores: investimento no prazer dos livros e na formação de leitores



A Mostra de Literatura, projeto de Andrey do Amaral, faz sessões de contação de histórias

que está entrando. Eles vão formando a própria biblioteca e se tornam agentes de leitura, vão incentivando os pais, os irmãos e os primos”, explica.

A diversidade de gêneros é uma característica do clube. Ao longo dos anos, os jovens leitores descobriram romances, contos, policiais, ficção científica, distopias, além de clássicos e autores contemporâneos das listas dos mais vendidos. Uma coisa, no entanto, é regra na lista: a presença de autores da cidade. “O autor ou autora participa do encontro no qual o livro é discutido e isso abre outras oportunidades de reflexões”, conta Claudine. Este ano, participa um total de 60 leitores e os encontros são realizados no contrarturno da escola. O projeto, que está entre os finalistas do Jabuti, não tem financiamento público e sobrevive graças a recursos doados por um círculo de 25 pessoas que acreditam no poder transformador da leitura.

Censura nem pensar

Bibliotecário da Câmara dos Deputados, Cristian Brayner sempre fica chocado com atitudes governamentais que se embrenham pelos caminhos da censura. Durante a pandemia, ele decidiu criar um clube dedicado a livros cuja trajetória, em algum momento, cruzou a censura. “Fiquei meio assustado com algumas decisões do governo federal na época, como a proibição de livros e aquela ameaça do fechamento da biblioteca da Fundação Palmares. E com outras ações no norte do Brasil, com alguns governadores que passaram a perseguir determinadas obras dizendo que eram comunistas!”, diz o bibliotecário, que chamou o projeto de Clube de Leitura dos Livros Banidos. “Havia um movimento, calcado na ignorância, de violência aos livros e autores.”

As discussões dos primeiros livros ocorreram na internet. “A ideia é que tivéssemos encontros mensais na Biblioteca Nacional, recebemos, inclusive, ajuda do FAC, mas, em virtude da pandemia, não foi possível realizar presencialmente”, conta Brayner. O projeto foi retomado este ano com uma página no YouTube e uma campanha bem-sucedida no

Instagram, na qual livros são apresentados por meio de posts. “Fiquei impressionado com o sucesso e, em fevereiro, a gente vem com força com os encontros. Temos mais de 150 pessoas inscritas”, garante.

Em 2024, a lista de leitura dos adeptos do clube dos banidos terá o romance *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Publicado em 1953, o livro que conta a história de um bombeiro responsável por queimar livros foi banido em diversas escolas nos Estados Unidos após ser acusado de linguagem e conteúdo imagético ofensivos. Também entraram *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca, censurado pelo regime militar por conter “personagens portadores de complexos, vícios e taras”, e *A metamorfose*, publicado pelo tcheco Franz Kafka em 1915 e proibido pelos governos soviético e nazista. “Para os primeiros se tratava de uma obra conservadora, e para os segundos, de um texto revolucionário”, explica Brayner.

Transversalidade

A mostra de Literatura Inclusiva tem como norte a contação de histórias, mas vai um pouco além e aposta na interdisciplinaridade para criar um ambiente capaz de despertar o interesse pela leitura especialmente entre o público de pessoas com deficiência. “Mas não só”, avisa Andrey do Amaral, idealizador do projeto. “A gente trabalha no sentido de incluir pessoas que não têm acesso ao livro e à leitura. Por isso, gosto de aplicar meu projeto nas periferias, escolas públicas, associações comunitárias e organizações da sociedade civil. Não quero falar para quem já conhece o tema, quero falar para pessoas que veem o livro como uma barreira na vida delas”, explica.

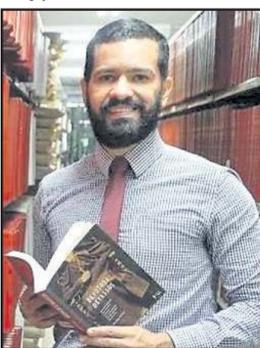
Releituras e histórias clássicas formam a base das apresentações do projeto, que conta com profissionais de diversas áreas, incluindo autores, palestrantes e psicólogos. “A informação, o conhecimento, a literatura mudam a vida das pessoas que geralmente vivem em condição muito degradada. A partir do momento que têm acesso, elas podem decidir”, acredita o escritor e editor, que viu o projeto ir parar entre os finalistas do Jabuti.

Juliana Ramalho



Hugo Barros, do projeto Livro de rua

Divulgação



Cristian Brayner criou projeto de clube de leitura de livros censurados

Vanessa Acioly



Claudine Diniz, idealizadora do Calangos Leitores

GURULINO

Humor contemplativo & espiritualoso
por Pedro Sargeon



ILUSTRAÇÃO: GURULINO

TEXTO: AMANDA FERNANDES

